

BOCATORTA E A MANIFESTÃO DO GÓTICO NA LITERATURA BRASILEIRA

Fabianna Simão Bellizzi CARNEIRO¹
Universidade Federal de Goiás
fabiana_bellizzi@yahoo.com.br

RESUMO:

A questão do medo, durante muitos anos da história da humanidade, carregou consigo uma abordagem religiosa. Durante a Idade Média a Igreja Católica propagou seus valores através de uma ideologia na qual ela salvaria seus fiéis contra tudo aquilo que depusesse contra ela. A partir do Iluminismo e da Revolução Industrial a face da sociedade europeia muda, trazendo à tona os mesmos medos embasados, no entanto, por um novo elemento: a Ciência. Para discutir tal afirmativa, utilizaremos o conto “Bocatorta” (1915), de Monteiro Lobato, que bem expressa a questão do medo em relação ao Outro - impuro e transgressor. Ainda mais instigante torna-se a leitura do texto quando ressaltamos aspectos presentes nas narrativas góticas europeias: ambientes decadentes, morbidez, cemitérios, enfim. Daí que se pretende investigar como se dá a manifestação do gótico no Brasil e mais pontualmente no interior. Especificamente objetiva-se analisar o processo de constituição do espaço na literatura gótica brasileira como lugar desestabilizador da ordem e da razão, ou seja, um local que abriga pessoas que não fazem parte de um determinado sistema. Trata-se de um trabalho analítico e não conclusivo, portanto a metodologia se baseia em pesquisa bibliográfica que será devidamente referenciada ao longo do texto.

PALAVRAS-CHAVE: Gótico; regionalismo; literatura brasileira

¹ Autora deste artigo. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás e Professora Assistente da mesma Instituição.

Narrativas fragmentadas, alucinações, profecias e maldições, misteriosos incidentes, espectros, monstros, demônios, esqueletos, castelos antigos em ruínas, uma longa galeria com muitas portas (algumas secretas), cadáveres, câmaras negras subterrâneas, catedrais decadentes, florestas tenebrosas e cenários ligados à época medieval habitados por bandidos, heroínas perseguidas, órfãos, e aristocratas maléficos. Tudo isso era marcado pela presença ostensiva do sobrenatural. Como revela Maggie Kilgour em **The Rise of the Gothic Novel** (1997), todas essas convenções e características estabelecidas por **O castelo de Otranto** levaram os críticos contemporâneos de Horace Walpole a considerarem o romance Gótico como uma rebelião contra a predominância do ideal estético neoclássico da ordem e da unidade, em favor da liberdade de imaginação. Devido a essa oposição, como aponta Fred Botting em **Gothic** (1997), a partir dessa obra a crítica literária de forma geral vem definindo o Gótico até hoje como “um termo geral e derogatório para a Idade Média que conjurava ideias de costumes e práticas bárbaras, de superstição, ignorância, imaginação extravagante e selvageria natural” (BOTTING, 1997, p. 22, tradução nossa). É neste contexto que os monstros da literatura gótica como o vampiro, o lobisomem, os mortos-vivos e a própria morte devem ser analisados com relação a sua identificação com grupos minoritários de uma Europa finissecular.

Por volta do início do século dezanove os efeitos da Revolução Industrial trouxeram à tona um novo elemento a ser temido: a ciência. A literatura Gótica da época não passou incólume por este novo *zeitgeist* e incorporou essa atmosfera em suas narrativas.

Os triunfos do progresso durante a Revolução Industrial mudaram a face da sociedade europeia. A ciência foi elevada a condição de instrumento utópico que levaria a humanidade a uma nova Era de Ouro. Refletindo essa situação, políticas de classe e o crescente desenvolvimento da classe burguesa criaram novas sociedades e organizações científicas tanto na Europa quanto na América. Esses espaços elitistas de debate estabeleceram uma representação institucional para a ciência com sentido, função e, principalmente, interesses específicos. Como Stepan e Gilman atestam:

A ciência como forma de conhecimento se destacou dentre os outros sistemas de saber, no processo, as dicotomias entre o puro e o impuro, o racional e o irracional, o objetivo e o subjetivo, o duro e o suave, o macho e a fêmea, foram imbuídas de naturalidade (STEPAN, GILMAN, 1991, p. 89, tradução nossa).

Se a ciência era então o produto de mentes (brancas) masculinas que alegavam imparcialidade crítica e objetividade, o impuro, o irracional e o subjetivo tornaram-se automaticamente relacionados às mulheres, grupos minoritários e classes sociais que diferiam do grupo caucasiano elitista. O resultado dessa dicotomia foi um abismo social entre a ‘alta’ cultura, incorporada pelos homens de conhecimento, e a cultura popular representada pelas minorias que não faziam parte desse sistema dominante.

E no Brasil? Como os artistas e intelectuais da época capturaram importantes ocorrências das sociedades não só em nível cultural e social, bem como nas esferas política e econômica e transpuseram estas ocorrências e mudanças para as artes? Mais ainda: como podemos entender a manifestação da vertente gótica na literatura brasileira dos oitocentos até as primeiras décadas do século vinte?

Daniel Serravalle de Sá na obra **Gótico Tropical** (2010) nos fornece importantes indícios de que autores brasileiros teriam sofrido influência da literatura inglesa e francesa e a partir daí temas como casas mal assombradas, fantasmas e vampiros passassem a figurar na escrita brasileira:

Quando a literatura gótica estava no seu apogeu na Inglaterra, os poetas brasileiros ainda traziam muito do sentimento barroco e arcáde, mas isso não

quer dizer que o gótico tenha passado despercebido em terras brasileiras. Sabe-se que esses romances chegaram até nós, que foram lidos e, inclusive, contribuíram na formação do romance brasileiro (SÁ, 2010, p.61).

Importante destacar que em 1822 o Brasil se torna independente de sua Metrópole portuguesa. No campo das artes e da Literatura em particular, os artistas buscavam ressaltar o que de melhor o Brasil oferecia: “O heroísmo do homem ligado à terra, a graça da mulher brasileira, a pureza dos costumes familiares, [...] são as “teses” que o romance romântico procura defender junto ao seu público.” (VOLOBUEF, 1999, p.337, grifos da autora).

Muito embora separadas no tempo e no espaço em relação às narrativas britânicas, as narrativas brasileiras se aproximam destas por darem vazão a “[...] um discurso moralizante que com frequência se volta para uma retórica do demoníaco, como forma de expurgar certos elementos do desejo de nação.” (SÁ, 2010, p.21).

Importante salientar que durante os primeiros anos do Romantismo nossos escritores e artistas tonalizavam suas obras com cores bem patrióticas. No caso específico da literatura regionalista, percebe-se a descrição da paisagem e do espaço do sertão de forma minuciosa e detalhista:

O regionalismo romântico não se deteve, é verdade, em análises microscópicas; afinal, ele teve por meta estabelecer os pontos cardeais de nossa geografia [...], nossa cultura [...], nossa maneira de desbravar o sertão e povoá-lo [...] (VOLOBUEF, 1999, p.189).

Em contrapartida, durante o pré-modernismo e modernismo não temos mais a descrição da paisagem sertaneja de forma a apresentar o Brasil aos brasileiros, mas uma descrição de um sertão marcado por pessoas injustiças, humilhadas e utilizadas como mão-de-obra barata e gratuita em um sistema que as oprimia e lhes deixava às margens. Desencaixadas em suas terras e sua região, essas pessoas representavam aquilo que o Brasil moderno não mais queria que existisse, quando, paradoxalmente, o próprio sistema assim as deixou.

Longe de retratar um sertão estereotipado, que apenas ressaltava a pureza do homem daquela região ou as belezas da terra e da gente, os escritores do pré-Modernismo e Modernismo traçam personagens que não se enquadrariam nas sociedades das Metrôpoles cariocas e paulistas por acentuarem a marca de um Brasil que não mais condizia com a proposta da *Belle Epoque*, acentuada por “[...] luxo e requinte que se baseava preponderantemente em modelos culturais estrangeiros.” (NEDEEL, 1993, p. 127)

Se nas capitais reproduzia-se um pouco do que acontecia na Europa, no campo as elites se abasteciam do clima urbano das metrôpoles. Vivenciávamos a transição do domínio colonial para o domínio do capital. Essa mudança, no meio rural brasileiro, fez com que se exasperassem ainda mais as relações trabalhistas e sociais no campo, que sempre foram caóticas e sofridas. Mais uma vez nos aproximamos das narrativas góticas britânicas pelo fato de que as nossas narrativas retratam tais transformações: “[...] seja nas ambientações internas dos castelos e igrejas ou nas externas das florestas, montanhas e abismos, o espaço gótico é sempre aquele que irá promover as inquietações.” (SÁ, 2010, p.38)

As narrativas do pré-modernismo apresentam o sertão brasileiro como um lócus de, segundo a visão elitista, práticas bárbaras e superstições que insistiam em existir. Não à toa, Lobato declarou sobre **Ermos e Gerais** ao próprio escritor goiano que ele era “[...] o primeiro grande manejador da imensa massa de dores, estupidez crassa e tragédia que é o imenso Brasil analfabeto do interior” (apud ÉLIS, 1987, p. xiv).

Os efeitos decorrentes da Primeira Guerra Mundial, as greves operárias que eclodiam pelo Brasil e a questão da marginalização do sertão foram características que marcaram o

ambiente histórico-cultural do país durante o período da República Velha pós-*Belle Époque* (1918-1930). Neste cenário, pensadores nacionais e estrangeiros se voltaram para a análise da sociedade brasileira e viram na constituição do povo um dos fatores que impediam o desenvolvimento nacional. Essa impressão era reforçada pela grande presença de negros e mestiços na população brasileira, despertando comentários negativos entre os observadores estrangeiros. Logo, um discurso científico passou a ser usado para justificar e validar ideias sobre a posição inferior das camadas populares em relação às elites.

Como se vê, ao tentar encontrar respostas para o atraso econômico e cultural do país em relação à Europa, a postura da elite dominante do Brasil, ao refletir uma mentalidade neocolonial ou imperialista ao longo de toda República Velha, evidenciava a presença de um “Darwinismo social”. Este conceito deturpado das teorias de Darwin, exemplificado na ideia da “sobrevivência do mais capaz”, tentava justificar os atos de uma classe social sobre a outra através de uma pretensa superioridade.² Buscando um paralelo com a literatura, notamos, no conto “Bocatorta” (1915), de Monteiro Lobato traços deste discurso.

Bocatorta, personagem principal que dá nome ao conto, vive isolado no meio do mato. Pessoas falam sobre ele em uma reunião familiar, o que desperta a curiosidade em vê-lo, uma vez que a ele são atribuídos adjetivos pejorativos, algo como “a hediondez personificara-se nele” (LOBATO, 1985, p.107). Uma das meninas, Cristina, fica com medo, mas acaba indo, encorajada pelo noivo. Assolada pelo medo e fragilizada pela mudança de clima que ocorre durante a viagem da cidade para o sertão, fica doente terminando por morrer. Mais tarde, seu noivo percebe algo estranho no cemitério e corre para pedir ajuda. Quando todos chegam ao local descobrem Bocatorta violando o cadáver da moça, em pleno ato de necrofilia. Acaba sendo perseguido, morrendo afogado num atoleiro que existia por perto.

O personagem Bocatorta representa bem o estigma da impureza que deveria ser colocada à parte da sociedade. Esta “impureza” está impressa na sua pele. No conto ressalta-se a ambientação gótica mesclada a aspectos rurais, embora a questão central da narrativa esteja no fato de o personagem ter nascido negro, o que faz dele o monstro a ser temido. Podemos notar isso no seguinte trecho do conto: “Bocatorta é a maior curiosidade da fazenda, respondeu o major. Filho duma escrava de meu pai, nasceu, o mísero, disforme e horripilante como não há memória de outro. Um monstro, de tão feio.” (1985, p.101). A partir deste fato, a ele são atribuídos todos os outros males, como furto, necrofilia, morte. Assim como eram atribuídos os males da sociedade medieval aos monstros da época.

Aliás, faz-se importante ressaltar o aspecto da monstruosidade de Bocatorta. Como coloca Julio Jaha: “Os monstros estão por um aviso ou um castigo por alguma ruptura de um código – por um mal cometido” (JEHA, 2007, p.22). A cor da pele de Bocatorta, suas feições, seu aspecto, enfim, ele todo quebra o código da pureza. A própria palavra monstruosidade por várias vezes aparece relacionada ao personagem: “Um monstro de tão feio” (LOBATO, 1985, p.101). Em outra passagem o narrador sinaliza que, “O negro saiu da cova meio de rastros, com a lentidão de monstruosa lesma.” (1985, p.106). Em outra se diz que “Bocatorta excedeu a toda pintura. A hediondez personificara-se nele, avultando, sobretudo, na monstruosa deformação da boca.” (1985, p.107).

A monstruosidade, além de atribuir-lhe tamanha maldade, também serve como contraponto para segregar os puros dos impuros, ou nas palavras de Sergio Luiz Prado Bellei: “O monstro é aquela criatura que se encontra na ou além da fronteira, mas está sempre e

² Para falar do surgimento deste conceito de “Darwinismo social”, bem como o porquê de a Ciência utilizar-se disso para justificar o atraso econômico e cultural do Brasil em relação à Europa no período destacado, buscou-se respaldo no artigo: A LITERATURA A SERVIÇO DO PRECONCEITO RACIAL – *O PRESIDENTE NEGRO*, DE MONTEIRO LOBATO, do Prof^o Dr^o Alexander Meireles da Silva. Revista Científica UNIABEU. Belford Roxo – RJ n^o 2, jul-dez 2008, p.43-95.

paradoxalmente próximo e distante do humano, que tem por função delimitar e legitimar.” (BELLEI, 2000, p. 11).

Bocatorta, portanto, emblematiza a quebra do código social e econômico que se preconizava à época, ou seja, o código da pureza das raças. As práticas de higienização e sanitarismo ganhavam espaço na capital do país, lideradas por Oswaldo Cruz (NEEDEL, 1993, p.55). No campo, as elites oligárquicas recrutavam mão-de-obra europeia (os escravos foram abolidos em 1888) intencionando erradicar resquícios do passado colonial que ainda estava impregnado nas relações de produção. Os imigrantes europeus, portanto, seriam uma solução economicamente viável para a mão-de-obra no campo além de servirem como argumento às pessoas racistas que pretendiam “europeizar” escravos e ex-escravos no Brasil (FAUSTO, 2011, p.113)

Exceto pelo viés racista explicitamente colocado em “Bocatorta” de forma a atender o discurso científico de pureza, em comum os monstros de ontem e os de hoje legitimam o humano, ou, lido nas entrelinhas, legitimam os que seguem as leis (na Idade Média) ou os puros (era Moderna). Como coloca Bellei: “Negando sempre a sua condição anômala, não consegue jamais integrar-se completamente no sistema dominante de valores ao qual deseja pertencer.” (BELLEI, p.11). O Lobo Mau de ontem, que nos contos de fada era mostrado desde cedo às crianças como o monstro a ser evitado, aparece como alerta também no conto de Lobato. Cristina aprende, desde cedo, a temer Bocatorta:

Bocatorta? Exclamou Cristina com um reverbero de asco no rosto. Não me fale. Só o nome dessa criatura já me põe arrepios no corpo.

E contou o que dele sabia.

Bocatorta representara papel saliente em sua imaginação. Pequenininha, amedrontavam-na as mucanas com a cuca, e a cuca era o horrendo negro. Mais tarde, com ouvir as crioulinhas todos os horrores correntes a conta dos seus bruxedos, ganhou inexplicável pavor ao notâmbulo. Houve tempos no colégio em que, noites e noites a fio, o mesmo pesadelo a atropelou. Bocatorta a tentar beijá-la, e ela, em transe, a fugir. (p.102)

É na direção deste pequeno trecho que deve ser lida também uma outra característica atribuída a Bocatorta: a lasciva, principalmente quando Bocatorta, no sonho de Cristina, tenta beijá-la.

Infelizmente um discurso que por muitos anos foi atribuído aos negros: a lasciva, a obscenidade, a depravação. Um discurso que tem suas origens ainda na África a partir dos primeiros contatos do europeu com o negro. Através de um processo de desculturação, aliado ao conceito de inferioridade (citado anteriormente neste artigo), que “categorizava” os negros como lascivos, animais, seres inferiores, o colonizador apropriava-se, com mais força ainda, deste ser que para ele não passava de um animal. Numa escala de evolução, o negro encontrava-se mais próximo da matéria e do corpo do que da alma e da razão, portanto, mais facilmente, escravizado.

Com o fim da escravidão e com o avanço da Ciência, esta “escala evolutiva” (termo usado, muitas vezes, de forma pejorativa – o Darwinismo social já citado anteriormente) alcança a idéia de raça, embasada, arbitrariamente em conceitos biológicos e utilizada para segregar o diferente, *o outro*. Como coloca Stuart Hall:³

É ainda mais difícil unificar a identidade nacional em torno da raça. Em primeiro lugar, porque – contrariamente à crença generalizada – a raça não

³ Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na pós-modernidade*, analisa outros conceitos (nação, cultura universal, identidade universal), que têm o propósito de unificar e equiparar as sociedades mundiais. Deste modo torna-se mais fácil a circulação e aceitação dos bens de consumo e as ideologias que os legitimam.

é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. Há diferentes tipos e variedades, mas eles estão tão largamente dispersos no interior do que chamamos de “raças” quanto *entre* uma “raça” e outra. A diferença genética – o último refúgio das ideologias racistas – não pode ser usada para distinguir um povo do outro. A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características corporais, etc. – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro. (HALL, 2000, p.63)

Buscando um paralelo entre esta questão da superioridade biológica impressa em Bocatorta, notamos que ela corresponde, na Idade Média, à superioridade religiosa. Apenas o Cristianismo era admitido e legitimado. Aliás, somava-se aos não-cristãos uma outra minoria que ainda continua (como os negros), sofrendo segregações e preconceitos até a atualidade: as mulheres. A elas eram atribuídos poderes maléficos. Decretos e bulas foram criados. Sermões e pregações contra as mulheres adquirem grande importância pela Europa por serem meios eficazes de Cristianização. A maioria dos sermões tinha como base ideológica a crença de que a mulher é um ser predestinado ao mal. Jean Delemeau cita, em *História do Medo no Ocidente* (2000), um trecho do decreto *planctu ecclesiae*:

A mulher atrai os homens por meio de chamarizes mentirosos a fim de melhor arrastá-los para o abismo da sensualidade. Ora, não há nenhuma imundície para a qual a luxúria não conduza. Para melhor enganar ela se pinta, se maquia, chega até a colocar na cabeça a cabeleira dos mortos. (DELEMEAU, 2009, p. 482)

Destacava-se e segregava-se o gênero feminino, as minorias não católicas, os judeus...hoje segrega-se a raça – uma determinante biológica do não-puro, ou do não seguidor da ideologia dominante, a capitalista.

As determinantes biológicas de Bocatorta fazem dele a própria figura do mal: “pele grumosa, escamadas de escaras cinzentas” (p.107). Em contrapartida, as características físicas de Cristina a circunscrevem ao grupo dos biologicamente favorecidos. Não à toa que seu nome, Cristina, nos leva à Cristo, ao puro, ao perfeito. A brancura de sua pele está sempre ligada à sua pureza, ou melhor, o sonho da raça pura (homogênea na sua branquidade) atinge a máxima representação na filha do major:

Vê-la mordiscando o hastil duma flor de catingueiro colhida à beira do caminho, ora risonha, ora séria, a cor das faces mordida pelo vento frio, madeixas louras a brincarem-lhe nas têmporas, vê-la assim formosa no quadro agreste duma tarde de junho, era compreender a expressão dos roceiros: Linda que nem uma santa.” (p. 105).

Este *outro* que é colocado à parte e deslocado da sociedade, nos remete ao pensamento de Zygmunt Bauman: “Estigmatizar os traidores ou expulsar os estranhos parece provir do mesmo motivo de preservação da ordem” (BAUMAN, 1998, p. 16). No conto de Lobato, as referências feitas ao *locus* (a moradia) de Bocatorta sempre traz a palavra negra ou à algo que nos leve a esta cor: “(...) insidiosa argila negra fraldejado de velhos guaiambés nodosos.” (p.100). Em outro trecho, Lobato diz que, “Há anos que vive sozinho, escondido no mato, donde raro sai e sempre à noite.” (p.101). Aliás, o próprio espaço social precisava ser demarcado. Os impuros eram empurrados para os subúrbios, para os guetos, para áreas isoladas. Como atesta Zygmunt Bauman:

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares *diferentes* dos que elas ocupariam(...); e é uma visão da *ordem* – isto é, de uma situação de que cada coisa se acha em seu justo lugar e em nenhum outro. O oposto da “pureza” – o sujo, o imundo, os “agentes poluidores” – são coisas “fora do lugar”. (BAUMAN, 1997, p.14)

Mais uma vez, a representação com a personagem, sua ligação com a sujeira, seus hábitos noturnos, seu lócus ligado à sua cor, vão ao encontro das idéias circulantes – a idealização de uma raça pura que pudesse acompanhar o avanço da ciência.

A título de conclusão, embora seja um conto pequeno, “Bocatorta” se sustenta por permitir diferentes leituras de um homem estigmatizado, discriminado e que tem a cor de sua pele ligada ao mal e ao medo. A escolha dos adjetivos, os elementos que colocam Bocatorta à parte e que o fazem ser visto como alguém que balança o *status quo*, os pormenores, a ambientação de Bocatorta ligada à impureza, enfim, o conjunto desses itens é o que consegue disseminar a ideologia circunscrita.

Dentre as várias metáforas atribuídas ao negro através do personagem Bocatorta, sua morte (algo irreversível) revela a irreversibilidade da cor de sua pele também. Bocatorta é vítima de suas metáforas, ao ser afogado pela lama negra do atoleiro. Ele bem poderia morrer com um tiro, mas a forma escolhida para matá-lo, através do atoleiro, deixa à mostra a própria metáfora do negro sendo tragado, sufocado pela sua cor. Nas palavras de Alessandra Loiola Sarmento, “desse modo, seria a caricatura uma forma de higienização da cor negra e o afogamento de Bocatorta representaria uma forma de limpar-se da presença no negro.” (SARMENTO, 2006, p.37). Ou, numa leitura otimista, um afogamento do próprio preconceito? Talvez...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da Pós-Modernidade*. Trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BELLEI, Sergio Luiz Prado. *Monstros, índios e canibais: ensaios de crítica literária e cultural*. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. Floresta. In: _____. *Dicionário de Símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, et al. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 439-440

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000.

JEHA, Julio (org). *Monstros e Monstruosidades na Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SARMENTO, Alexandra Loiola. *A representatividade discursiva das descrições do negro no conto “Bocatorta”, da obra Urupês de Monteiro Lobato: entre a denúncia, o preconceito.*

In: Unimontes Científica. Montes Claros nº2, v.8, jul-dez 2006, p.31-39

SILVA, Alexander Meireles. *A literatura a serviço do preconceito racial – O Presidente Negro, de Monteiro Lobato.* In: Revista Científica UNIABEU. Belford Roxo – RJ V nº 2, jul-dez 2008, p.43-95.

Internet: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno12-15.html> último acesso: 27/07/2013.